

## UMA REFLEXÃO SOBRE PORTADORES DE AUTISMO E A SUA INCLUSÃO NO ENSINO REGULAR

1

Gracieli Cristiani Schroeder Castilho

### RESUMO

A presente pesquisa tem como tema principal a importância de refletir sobre os alunos portadores de autismo e a sua inclusão no ensino regular. A pesquisa apresenta procedimentos com referencial bibliográfico desenvolvido com material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, material eletrônico. Um desafio para muitas escolas à inclusão desses alunos no ensino regular, há discussões e planejamentos quanto a sua efetivação na prática, mas pouco se consegue aplicar, pois o autismo sendo um transtorno de desenvolvimento que necessita de uma educação totalmente planejada e organizada dentro do Espectro. Um dos problemas que encontramos relaciona-se ao fato de que ainda há professores que se utiliza de métodos tradicionais na aprendizagem dessas crianças deixando de utilizar outros métodos mais eficazes dentro do Autismo, um fator e pouca formação acadêmica resultando na metodologia de ensino. Por isso faz-se necessário essa pesquisa uma reflexão sobre os portadores de autismo e a sua inclusão na escola.

**Palavras-chave:** Autismo, educação, inclusão.

### INTRODUÇÃO

A inclusão de um aluno portador de autismo representa, para os profissionais da educação um grande desafio. Muitas vezes a falta de conhecimento sobre essa síndrome faz com que o professor percorra caminhos a serem descobertos e incertos sobre uma melhor forma de ensinar essas crianças. Ao refletir em como ocorre à educação das crianças nas escolas, percebe-se que ao incluir um aluno autista, gera

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Pedagogia e História da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná Unicentro. Especialista em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão gracielicristiani@hotmail.com.

grande desconforto aos demais alunos, pois o preconceito ainda é grande, o autismo gera grande atraso no desenvolvimento motor, cognitivo e social, quanto mais cedo for identificado, mas rápido a família ira compreender e ajudar ao professor e a escola em relação a seu filho, com chances maiores de desenvolvimento, pois muitas vezes nos deparamos com métodos tradicionais que não levam em conta o desenvolvimento integral da criança, assim deve considerar a importância da metodologia a ser utilizada, respeitando assim a idade do educando, pois leva ao desenvolvimento geral do mesmo.

Um dos problemas que encontramos relaciona-se ao fato de que ainda há professores que utiliza métodos tradicionais na aprendizagem de crianças, deixando métodos mais eficazes de lado, ou então professores com pouca formação e sem nenhuma metodologia de ensino. Com isso, muitas vezes não conseguem que a criança aprenda e atinja o nível de desenvolvimento desejável vindo muitas vezes a serem excluídos esses alunos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa apresenta procedimentos de referencial bibliográfico desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e material eletrônico. A pesquisa bibliográfica objetiva colocar o pesquisador em contato com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, com a finalidade de colaborar na análise de sua pesquisa. (LAKATOS e MARCONI, 2009). Ou seja, uma metodologia usada de forma adequada se torna uma importante ferramenta facilitadora do aprendizado, não esquecendo que a escola deve vir de encontro com toda ferramenta necessária que possa ser usada no desenvolvimento do aluno autista.

A inclusão nada mais é do que toda e qualquer pessoa tem direito à educação, assim sempre que necessário e possível, junto com os demais alunos nas escolas de ensino regular. A partir disso temos por finalidade refletir sobre os portadores de autismo e a sua inclusão na escola.

Para que ocorra uma aprendizagem de acordo com a necessidade do aluno é necessário utilizar novas formações, assim irá utilizar-se de novas metodologias para incentivar os alunos, para isso o professor deve buscar meios para ajudar na evolução das crianças. Por isso faz-se necessário essa pesquisa que trata de se fazer uma reflexão sobre os portadores de autismo e a sua inclusão na escola.

A metodologia do trabalho deverá apresentar caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente o caminho que a pesquisa irá percorrer.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Uma criança autista apresenta dificuldade em se relacionar, em reproduzir palavras e se expressar, entre inúmeros outros fatores que tendem a gerar um relacionamento deficitário em sua família, ainda hoje vê claramente a dificuldade de educar uma criança autista, o preconceito que a população tem com essas famílias é muito forte, esses motivos levam a perda da identidade familiar, geram crises, brigas e falta de harmonia, Souza e Fachada (2012, p. 1).

De acordo com Castro (2005) apud Moraes e Luiz (2016, p.1):

O autismo trata-se de uma desordem no desenvolvimento do cérebro, que pode ocorrer antes, durante ou após o nascimento. Etimologicamente, o autismo origina-se da palavra *auto* que significa *eu*, ou seja, introspecção. Assim, o termo está ligado à introversão, no qual o indivíduo constrói seu próprio mundo e acaba vivendo de uma maneira isolada. O primeiro estudioso a se interessar pelo assunto foi Léo Kanner, em 1943. Para ele o autismo era considerado uma síndrome, a qual ele denominou de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Já em 1944, Asperger atribuiu à nomenclatura de Psicopatia Autística.

O aluno autista geralmente fica isolado em um determinado canto lugar da sala ou se de sua casa, viajando em seus pensamentos, assim como fantasiam coisas, constroem um mundo muitas vezes imaginário, ou situações do dia-a-dia em que os mesmos ficam na cabeça e os atormentam, porém uma criança ao mesmo tempo em que é carinhosa pode ser agressiva.

Tolipan (2000) apud Siqueira e Vieira (2010, p. 1) fala que:

Algumas não suportam o contato físico, carinhos, abraços, até mesmo por parte de sua mãe, pai ou irmãos. Outras, ao contrário, procuram o contato físico, mas este é indiscriminado e exagerado, podendo se dar inclusive com estranhos na rua. Este sintoma, em geral, é associado à síndrome de Rett, que é uma variação do autismo, pois estes gestos não refletem relação (TOLIPAN 2000).

Pode-se observar assim uma grande dificuldade do autista se relacionar, pois eles não se interessam por outras pessoas, dispensam assim o contato físico, e também apresentam dificuldades em se socializar, não conseguem ter um contato pessoal olho a olho com as pessoas, muitas vezes apresentam nervosismo sem controle, choro, gritos, ou até dar gargalhadas sem parar.

Segundo Facion (2007, p.27):

O autismo é uma síndrome, portanto um conjunto de sintomas, presente desde o nascimento e que se manifesta invariavelmente antes dos três anos de idade. Ele é caracterizado por respostas anormais a estímulos auditivos e ou visuais e por problemas graves na compreensão na linguagem oral. A fala custa aparecer e, quando isso acontece, podemos observar a ecolalia (repetição das palavras), o uso inadequado de pronomes, estrutura gramatical imatura e grande inabilidade para usar termos abstratos.

Segundo a Classificação Internacional de Doenças – CID-10 classifica autismo no código F 84- 0, como um transtorno invasivo do desenvolvimento, pois ainda que esse transtorno possa vir associado a diversos problemas, não existe ainda nenhum exame específico capaz de detectar sua origem real Facion (2007, p. 29).

Assim segundo Facion (2007, p. 31) fala que:

Os diagnósticos são formulados sempre a partir da observação de um conjunto de sintomas apresentados pela pessoa, os sintomas devem incluir: anormalidades no ritmo do desenvolvimento e na aquisição de habilidades físicas, sociais e de linguagem; respostas anormais aos sentidos: o autista pode ter uma combinação qualquer dos sentidos (visão, audição, olfato, equilíbrio, dor e paladar); a maneira como a criança equilibra seu corpo pode ser também inusitada; ausência ou atraso de fala ou de linguagem, embora

possam existir algumas capacidades específicas de pensamento; modo anormal de relacionamento com pessoas, objetos lugares ou fatos.

Assim essas crianças não têm facilidade de se relacionar com outras crianças, age muitas vezes como se fossem surdos, manifesta risos e movimentos inapropriados, resiste mudança de rotina, resiste ao aprendizado, não demonstrando medo de perigos reais, tem apego inapropriado a objetos, a criança se demonstra arredia, ao mantém contato visuais sendo esses alguns dos sintomas que se apresentam nas crianças Facion (2007, p.32).

O conceito inclusão aponta uma necessidade de buscar compreender as diferenças individuais e coletivas do ser humano, sobretudo das situações vividas na realidade social e no dia- a- dia escolar.

Gorgatti (2005, p.23) apud Flores et al (2010, p. 1) também coloca que:

Acessibilidade, em inclusão escolar pode ser compreendida como uma tríade: fisicamente, a escola precisa ser adaptada para receber todos os alunos; individualmente, professores e funcionários precisam abrir suas mentes para compreender as possibilidades vantajosas e desafiadoras da inclusão; coletivamente, pais, crianças com deficiência e sociedade devem perceber que diferenças individuais são inerentes à condição humana e que cabe à escola educar cidadãos preparados para conviver com diferenças. Porém, um quarto ponto pode ser destacado nesse item, que seria a acessibilidade pedagógica. Não é possível responder às necessidades de alunos com deficiências ou outras necessidades educacionais especiais sem que se providenciem meios materiais e didáticos apropriados e sem a diversificação do currículo. Todas as propostas educativas que venham a ser decididas e implementadas devem sempre partir do currículo comum da escola regular e das necessidades dos alunos.

A inclusão nada mais é do que a triste realidade de nossas escolas brasileiras, onde ocorre ou não, a aceitação das diferenças, não é uma simples colocação dos alunos em sala de aula, não se refere apenas as pessoas com deficiência, mas sim no geral, todas as pessoas devem estar envolvidas no contexto escolar.

De acordo com Cunha (2003) apud Bianchi (2014, p.128):

Evidenciam que a inclusão do aluno autista deve estar associada à diversas maneiras de intervenção para que tal inclusão propicie formas de delinear um caminho para a 129 Nucleus, v.11, n.2, out.2014 conquista do bem estar e autonomia na vida em sociedade, uma vez que as ricas relações que permeiam o ambiente escolar são fundamentais para que o indivíduo autista liberte-se de seu mundo isolado e, perceba as vantagens de relacionar-se com os colegas.

Um aluno, independente da sua necessidade educacional, quando incluído na rede regular de ensino, passa por muitas adaptações, no caso do autismo possui alunos inquietos que falam bastante, porém tem os que quase não falam apenas mantém olhar fixo, que muitas vezes não são percebidas pelos demais alunos, esse aluno está começando a fazer parte de um mundo antes desconhecido, com pessoas diferentes e que muitas vezes encontram no mesmo certa estranheza e que, acabam demonstrando assim atitudes discriminatórias, pela simples falta de conhecimento sobre como agir com uma pessoa autista, sendo de grande importância a socialização dos alunos, dos professores e escola em geral para com esse aluno com dificuldade.

Assim Bianchi (2014, p. 129) fala:

Para que a inclusão seja de fato benéfica ao autista é preciso ter cautela e não esperar que o indivíduo adentre os muros escolares e sozinho realize todas as adaptações e descobertas necessárias. Este princípio é pertencente à integração e acaba resultando em ações excludentes, quando se insere a criança no contexto escolar sem ampará-la.

A autora quer dizer que a escola deve se adaptar ao aluno incluso, investigar qual dificuldade o aluno apresenta quais suas potencialidades, não cabe somente fazer modificações de ambientes, reformas, adaptações físicas, vai além disso tudo, assim o professor deve estar capacitado para trabalhar com esse aluno incluso, tendo uma formação para que o aluno não venha a ficar excluído tendo que aprender sozinho como se socializar melhor no âmbito escolar.

Bianchi (2014, p. 129) cita que:

Para essa boa atuação existe a necessidade de ampliação da formação do professor, não há garantia de que tal formação irá prepará-lo para lidar com todas as situações que surgirem, uma vez que em se tratando de pessoas isso é impossível, mas uma formação docente eficiente abre caminhos para que o professor saiba aonde buscar auxílio sempre que precisar.

Assim o professor deve ter toda autonomia para elaborar seu plano de trabalho docente, pois está diretamente ligada todos os dias com seus alunos, sabendo quais as necessidades de cada um, sabendo adequar os conteúdos a ser trabalhado.

Nesta perspectiva, baseando-se novamente em Cunha (2009) apud Bianchi (2014, p. 129):

Percebe-se que incluir o autista é como incluir qualquer outro aluno, na verdade só existe essa necessidade de “inclusão” porque ainda há a exclusão, que vem de anos e anos de uma sociedade que visava preparar somente aqueles cujo trabalho fosse cem por cento aproveitados. Esses fatores fizeram com que não só os autistas, mas todos com necessidades educacionais especiais fossem vistos como incapazes, e que de tal forma não pudessem fazer parte de um grupo de alunos taxados como “normais”.

O aluno autista tem grande dificuldade em se relacionar, não se comunica muito, tem dificuldade em concentração durante as tarefas, se irrita muito fácil, assim o professor deve estimular o aluno durante as tarefas, o professor deve estar ciente que os resultados não são de imediato com seu aluno, é uma fase de adaptação no seu dia-a-dia.

Bianchi ressalta (2014, p. 130) que o aluno:

Preso em seu mundo particular, o indivíduo autista é alguém que involuntariamente resiste à aprendizagem, neste momento o professor é desafiado a conquistar sua atenção que mesmo sendo mínima, deve ser considerada como uma conquista, pois é seu ponto de partida para estabelecer uma maneira de comunicação e oferecer as ferramentas educativas.

Tendo em vista o professor tem um desafio de conquistar esse aluno incluso, por isso deve estar atento quais formas de se comunicar e principais ferramentas a

serem utilizadas para o aprendizado do aluno, sendo uma evolução dia-a-dia, buscando resultados positivos.

De acordo com Serra (2010, p. 164):

A inclusão não é o único modelo de educação para os indivíduos com autismo e a decisão de incluir deve ser bastante criteriosa. O sujeito não pode ser o único elemento a ser considerado na escolha do programa educacional, mas o ambiente escolar e a família também devem ser considerados e devidamente orientados e principalmente, é importante verificar se a equipe pedagógica está devidamente preparada. As políticas públicas ainda precisam caminhar a passos largos para promover o atendimento educacional com qualidade garantindo a formação de professores que de fato permita uma intervenção pedagógica consistente.

O sentido de incluir requer um olhar para integrar esses alunos a educação formal, nada mais significativo do que a importância dos pais, como papel fundamental ao incentivar seus filhos, ao passar força de vontade para que a criança, ou próprio adolescente consiga ter um bom desempenho na escola com os demais colegas, atividades em que o professor proporcione ao aluno com deficiência a realizar com sucesso na medida de suas habilidades, assim os pais são fundamentais nessa caminhada, pois tudo começa com a base que é a família.

Segundo os autores (Freitas e Castro, 2004, [s. p]) apud Maciel (2009, p.1):

Dizem que não depende só do professor para ocorrerem as mudanças necessárias para a inclusão. Toda a escola deve estar envolvida neste processo, pois é um grupo no qual todos os funcionários da escola devem ser mobilizados a colaborar e a instituição adequar-se à nova estrutura que disponibilize acesso livre a essas pessoas, para que eles consigam também sua independência. Todos devem fazer a sua parte, todo o grupo envolvido, na busca de atingir o melhor resultado para esse objetivo, não somente suprir algumas necessidades sem um ideal.

O processo de uma escola inclusiva começa através do Projeto Político Pedagógico, estabelecendo os objetivos educacionais, adequando a metodologia a ser trabalhada em cada disciplina.

Segundo Minetto (2008, p. 56):

A organização de uma escola realmente inclusiva está retratada no seu currículo e na estruturação do projeto- político- pedagógico (PPP), que deve

ultrapassar a mera elaboração de planos e exigências burocráticas. O PPP caracteriza e identifica a escola, ou seja, é a “cara” da escola. Por isso deve acompanhar as modificações da sociedade, da história, de seus fatos, dos acontecimentos e das legislações, considerando aspectos sociais, políticos, culturais e antropológicos que a caracterizaram. Deve corresponder ao pensamento dos que estarão envolvidos nela.

Segundo Guebert (2007, p. 38) o currículo deve ser adaptado em sua íntegra, priorizando a necessidade de cada aluno sendo possível inserir, eliminar, completar e buscar novas alternativas pensando sempre na garantia da aprendizagem, os conteúdos também podem ser alterados sendo desenvolvido através do nível dos alunos.

Segundo Minetto (2008, p. 103):

O trabalho coletivo é um bom instrumento para concentrar os alunos em torno de uma idéia, mas é preciso reconhecer que em atividades assim o aluno especial rende pouco e pode sentir-se muito inseguro. Nesses casos, a ação do professor faz toda a diferença, ao escolher o lugar onde ele deve sentar e programar sua participação com alguma forma de colaboração para que se sinta potencializado.

Assim cabe ao professor seguir alguns aspectos a ser observado, como colocar o aluno portador de alguma necessidade, especial sentado nas primeiras carteiras em frente ao professor, observar os defeitos na linguagem, expressão oral, falta de resposta quando o professor fala com o aluno, pois muitas vezes o aluno autista age como se fosse surdo, tem olhar mais dirigido fixo, assim o professor deverá encaminhar esse aluno, se preciso, para exames mais técnicos com uma equipe multidisciplinar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta pesquisa traz a discussão para um campo mais amplo a prática docente da Inclusão do aluno com Trastorno do Espectro Autista, visto que temos uma legislação

federal que vem a reforçar essa Inclusão, mas que ao mesmo tempo exclui em alguns pontos de sua redação e leva a interpretações errôneas sobre a mesma.

Mas observa-se o cuidado de todo um campo teórico - metodológico pelo tema que vem sendo usado frequentemente pelas mídias, redes sociais no que tange a Inclusão por inclusão. Mas não podemos deixar morrer esta tratativa que com todo este momento vivido pelo mundo chama e clama nossa atenção para essa Pós Pandemia e com certeza será tema de próximos trabalhos relacionados a Inclusão do Aluno Autista no Ensino Regular pós Pandemia.

O trabalho coloca-nos cara a cara com essa discussão e mostra que há diversas possibilidades e alternativas dessa Inclusão na rede Regular sempre respeitando o aluno nas suas habilidades e necessidades especiais. Muitas vezes por um Sistema sem nenhum amparo estrutural, emocional mas que se desdobra para fazer esse atendimento e garantir o melhor e a qualidade deste aluno.

Pode-se observar também através desta pesquisa a importância do conjunto Família e escola, estarem em sintonia uma consonância para a qualidade educacional deste aluno, buscando sempre pela melhoria dos resultados como forma de aquisição do conhecimento frente a toda essa Inclusão. Colocar o aluno como protagonista desta ação requer muito trabalho tanto da família como de todos os profissionais envolvidos ( professores, equipe multidisciplinar) .

A discussão vai além pois reflete práticas muitas vezes deixadas de lado para poder ofertar algo que está sendo questionado e comentados por mídias . Vê-se aí a essência de estar sempre buscando alternativas para melhorar realizar a Inclusão sem deixar se torna modismo e algo superficial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste trabalho podemos concluir que um aluno, independente da sua necessidade educacional, quando incluído na rede regular de ensino, passa por várias adaptações, no caso do autismo possui alunos inquietos que falam bastante, porém tem os que quase não falam apenas mantém olhar fixo, que muitas vezes não são percebidas pelos demais alunos, esse aluno está começando a fazer parte de um mundo antes desconhecido, com pessoas diferentes e que muitas vezes encontram no mesmo certa

estranheza e que, acabam demonstrando assim atitudes discriminatórias, pela simples falta de conhecimento sobre como agir com uma pessoa autista, assim sendo de grande importância a socialização dos alunos, dos professores e escola em geral para com esse aluno com dificuldade.

Através do referencial bibliográfico conseguimos identificar como um aluno autista tem grande dificuldade de se relacionar, pois eles não se interessam por outras pessoas, dispensam assim o contato físico, e também apresentam dificuldades em se socializar, não conseguem ter um contato pessoal olho a olho com as pessoas, muitas vezes apresentam nervosismo sem controle, choro, grito.

Assim sendo um dos principais sujeitos na caminhada do aluno incluso são os seus pais e logo após o professor se ele não estiver preparado, o aluno não terá um desenvolvimento positivo tanto em sala de aula, como fora da mesma, pois o professor deve passar antes de qualquer coisa confiança ao aluno, e fazer com que os colegas interajam com o mesmo.

Pois incluir é abrir novos caminhos, para abrir o espaço aos portadores de necessidades especiais, aceitando os como cidadãos normais, como qualquer um com seus direitos de ir e vir, por isso a importância de continuar a luta de cada vez mais ter aluno incluso nas escolas no ensino regular .

## REFERÊNCIAS

BIANCHI. R. C. **Educação do autista no ensino regular: um desafio à prática pedagógica.** Revista Científica da Fundação Educacional de Ituverava, São Paulo, nº. 2 outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/989/1668>>. Acesso em 10 de Maio de 2019.

FACION. J. R. **Transtornos do desenvolvimento e do comportamento.** 3. ed. rev. atual. Curitiba: Ibope, 2007.

FACHADA. R; SOUZA. G. L. **Atividade física para crianças autistas. Reconstruindo a base sócio-familiar.** Revista Digital, Buenos Aires, nº. 173 Outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd173/atividade-fisica-para-criancas-autistas.htm>>. Acesso em 04 de Abril de 2018.

FLORES. P. P; KRUG. H. N. - **Formação em Educação Física: um olhar para a inclusão escolar.** Revista digital, Buenos Aires, nº 150, novembro de 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd150/formacao-em-educacao-fisica-a-inclusao-escolar.htm>>. Acesso em 18 de Abril de 2019.

GUEBERT, M. C. C. **Inclusão uma realidade em discussão.** 2ª ed. Curitiba: Ibpx 2007.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MACIEL. P. A; MIGUEL. J; JÚNIOR. R. V. – **Reflexões a respeito da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais em aulas de Educação Física Escolar: concepções e formação profissional.** Revista Digital, Buenos Aires, nº.131, Abril de 2009. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd131/pessoas-com-necessidades-educacionais-especiais-educacao-fisica.htm>>. Acesso em 15 de Março de 2019.

MINETTO. M. D. F. – **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio.** 2ª ed. rev. Atual. ampl. Curitiba; Ibpx, 2008.

MORAES. J. C. P; LUIZ. S. A. M. **A participação do autista nas aulas de Educação Física: entre três olhares docentes.** Revista Digital, Buenos Aires, nº. 215, Abril de 2016. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd215/a-participacao-do-autista-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em 06 de Maio de 2018.

SERRA. D. **Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria.** Revista de Psicologia, Fortaleza, nº 2, Julho/Dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/psicologiaufc/article/view/66/65>>. Acesso em: 02 de Maio de 2019.

SIQUEIRA. P. M. C; VIEIRA. A. F. **Uma reflexão sobre portadores de autismo, paralisia cerebral, deficiência visual e auditiva e sua inclusão na escola.** Revista Digital, Buenos Aires, nº. 147 agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd147/portadores-de-autismo-e-sua-inclusao-na-escola.htm>>. Acesso em 06 de Março de 2019.